



BENZIMENTOS EM PORTUGAL: MEMÓRIAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A SAÚDE DAS MULHERES

BENZIMENTOS IN PORTUGAL: ETHNOGRAPHIC MEMORIES ABOUT WOMEN'S HEALTH

Natasha Martins*

Resumo: Benzimentos são um grupo diverso de práticas populares de cura, que por meio de rituais buscam restaurar o bem-estar de pessoas, lugares ou animais. Conforme a literatura e os dados coletados através do projeto ReSpell (CRIA/FCT), os benzimentos em Portugal, como também ocorre no Brasil, são manifestados e preservados através das mulheres. Partindo de reflexões etnográficas, o estudo pretende explorar as vivências de praticantes de benzimento em Portugal, dando ênfase a memórias relativas à saúde das mulheres.

Palavras-chave: Cura. Benzeduras. Bem-estar. Antropologia.

Abstract: Benzimentos are a diverse group of folk healing practices that, through rituals, seek to restore the well-being of people, places, or animals. According to the literature and data collected through the ReSpell project (CRIA/FCT), benzimentos in Portugal, as in Brazil, are manifested and preserved by women. Based on ethnographic reflections, this study aims to explore the experiences of benzimento practitioners in Portugal, with an emphasis on memories related to women's health.

Keywords: Healing. Blessings. Well-being. Anthropology.

Introdução

Amplamente conhecidos entre a extensa gama de práticas populares brasileiras, os benzimentos caracterizam-se como rituais de cura para aflições diversas. Conforme sua etimologia, benzedura, benzeção ou benzimento são palavras fruto do português colonial arcaico

* Estudante PhD de Antropologia, ISCTE/CRIA. E-mail: natashamirra@gmail.com

e que significam “bênção”¹. Assim como no Brasil, em Portugal os benzimentos são rituais cotidianos de restauração sincréticos, com diferentes formatos, geralmente administrados em meio privado, vernacular, feitos de acordo com a necessidade e que têm como objetivo alcançar a purificação e a proteção espiritual.

O artigo aqui proposto é fundamentado pelo trabalho etnográfico, supervisionado pelo projeto *ReSpell – Religion, Spirituality and Wellbeing: a Comparative Approach of Transreligiosity and Crisis in Southern Europe*, financiado pela FCT – Fundação para Ciência e Tecnologia (2022.01229.PTDC) em acolhimento pelo CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Com enquadramentos colaborativos e da antropologia visual, é também possível acompanhar a coprodução de um filme etnográfico, com o nome “Benze”, que ilustra ainda mais sobre os dados descritos e analisados².

Diante das influências coloniais no processo de construção dos fenômenos religiosos brasileiros, esta pesquisa sobre benzimentos em Portugal revela valor ao possibilitar conexões entre os contextos no Brasil. Além disso, as trajetórias migratórias atuais demonstram como o conhecimento é construído por diferentes direções. Um dado que não pode ser deixado de lado para compreensão deste recorte é que, diferente da posição legal tomada pelo Brasil em proibir o exercício do curandeirismo, atualmente em Portugal as práticas de cura não são consideradas ilegais. O que de certa forma, deveria garantir aos benzimentos portugueses, quando comparados aos brasileiros, uma roupagem mais próxima ao aspecto folclórico do que ao charlatanismo e a medicina convencional (biomedicina)³.

As questões de gênero ligadas às práticas de benzimento – em que a maioria dos curadores são mulheres e o conhecimento é mantido por elas – aparecem tanto em solo brasileiro, como nos diferentes terrenos portugueses. A abordagem relativa à saúde das mulheres e seus direitos surge nas narrativas das benzedeiras constantemente e transparece como essas duas dimensões se cruzam ao longo do tempo.

Conforme as experiências etnográficas e bibliografias anteriores, os benzimentos em Portugal têm seu enquadramento associado a diferentes classificações, comumente citada como espiritualidade secular, alternativa e vernacular⁴. Os rituais são compostos por plantas, água,

¹ COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedeiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 7-12, p. 51-62, jul./ dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i7-12.13217>.

² RESPELL: Religion, Spirituality, Well-being. *Ethnography of Feeling – Portugal Benzimentos (Blessings)*. YouTube, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/xSoLkq4qep8>. Acesso em: 06 fev. 2026.

³ SARAIVA, Clara. A Sacred Place, an Enchanted Space: Crisis and Spiritual Elasticity in the Mountain of the Moon. *Religions*, v. 14, n. 9, p. 2-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel14091153>.

⁴ ANDRADE, Adriane de. Benzedeiras, Saberes Ancestrais de Cura e a Disputa no Campo do Saber: Um Olhar Decolonial. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 14, n. 1, p. 77-97, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.14.i1.0005>.



objetos, alimentos e outros elementos naturais, acompanhados por uma sequência específica de orações faladas com gestos⁵. Conforme as realidades encontradas através dos interlocutores da pesquisa, os benzimentos são considerados práticas religiosas populares de natureza imaterial, compreendidos como costumes e crenças compartilhados, em que os conhecimentos são de fácil acesso e transmitidos transgeracionalmente. Alguns benzimentos podem ser também chamados como “práticas tradicionais”, isso porque os valores são transferidos entre membros de grupos específicos ao longo dos anos⁶.

As narrativas etnográficas a seguir são compostas por relatos de vivências com dois irmãos jovens adultos – Bruno e Cátia – e uma senhora já aposentada – Isabel –, ambos naturais da região metropolitana de Lisboa. Este artigo tem como escolha metodológica não explorar os benzimentos como uma prática do passado, de crenças ultrapassada ou ignorantes, como pode ser observado em alguns dos trabalhos utilizados para sua construção, mas sim como um fenômeno maleável, em constante progressão às transformações do mundo⁷.

Benzimentos como “Coisas de mulher”

Bruno era um rapaz com cerca de 35 anos de idade, português e natural da zona sul da região metropolitana. Nos conhecemos através de um amigo em comum, pois Bruno, assim como eu, também era estudante de Antropologia.

Um de nossos encontros ocorreu na cidade de Almada, em um local de fácil acesso para ambos. Sentamos em um conjunto de pedras com vista ao rio Tejo, que faz a ligação entre a região central e sul do país. O local era composto por um conjunto de árvores ibéricas e de uma horta urbana.

Bruno havia demonstrado interesse em temas ligados à religião e espiritualidade em encontros anteriores. Além de frequentar um terreiro de Umbanda em Lisboa, ele tinha como hábito meditar e contou já ter tido um período “ocultista” em que lia livros esotéricos, mencionando São Cipriano como exemplo.

Caminhando entre árvores e arbustos, Bruno tocava as plantas com as mãos enquanto descrevia como reconhecia sua relação com a natureza. Quando chegou próximo de um grande canteiro de arruda, Bruno aproximou o rosto e respirou fundo. Através de uma memória olfativa com a planta em defumações administradas pela mãe, ele contou que existiam etapas dos rituais de benzimentos que as mulheres da família lhe impediam de participar:

⁵ RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. *Revista Ubimuseum*, n. 1, p. 45-52, 2012.

⁶ COSTA, 2017.

⁷ PANAGIOTOPOULOS, Anastasios; ROUSSOU, Eugenia. We have always been transreligious: An introduction to transreligiosity. *Social Compass*, v. 69, n. 4, p. 614-630, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/00377686221103713>.



Eu tentava ver, como é que elas se desfaziam das cinzas, mas era espantado pela minha mãe. Por alguma razão eu não podia saber, mas não sei porquê. O que era eu não sei, só sei que tinha carvão e uns pós. Eu uso muitos incensos, até hoje nunca consegui reconhecer algum cheiro que fosse usado naquele benzimento.⁸

Perguntado se não possuía nenhum interesse em realizar um benzimento na posição de quem benze ao invés de seu lugar de costume, como quem recebe, ele respondeu que sim com firmeza. Porém, Bruno via o ofício como algo que sempre era passado entre as mulheres. Ele aceitava a existência de homens que ocupavam o papel de curadores, mas repetia que, por norma, era uma tradição preservada entre as mulheres.

No meio desta conversa, Bruno sugeriu que realizasse também uma entrevista com sua irmã mais velha, Cátia, pois conforme a história de sua família, havia sido ela a receber os conhecimentos sobre benzimentos através da mãe e da avó, esta última já falecida. Relatou que quando sentia um desconforto fruto de algum ataque espiritual, eram primeiramente a mãe e a irmã as pessoas a quem ele recorria para solicitar um benzimento.

Mãe de três crianças, Cátia havia migrado para a França, onde vivia com seus filhos e marido. Com ajuda de Bruno, combinamos através das redes sociais de nos encontrarmos em Lisboa, mas previamente de nos reunirmos através do aplicativo *Zoom*. Muito simpática e sorridente, Cátia havia passado por muitas religiões diferentes. Iniciou sua vida, por influência familiar, como católica, mas revela um distanciamento de religiões institucionais desde sempre. Mais tarde, passou um período frequentando igrejas evangélicas e até acompanhou o marido, muçulmano, em algumas das práticas religiosas do Islão. Entretanto, é no que ela aponta como “autoconhecimento” e “espiritualidade”, onde Cátia encontrou seu caminho de fé. Ela contou ter se formado como terapeuta multidimensional, ter estudado cartomancia, reiki e gostar de medicinas alternativas de modo geral.

Seu primeiro contato com os benzimentos ocorreu quando ela tinha por volta de 9 anos de idade. Sua mãe havia ficado fortemente doente e em um momento de agonia, gritou para que Cátia a ajudasse realizando um benzimento. Apesar de ver a mãe e a avó efetuando benzimentos entre os familiares, esse não era um assunto divulgado publicamente, pois poderia ser visto com maus olhos por seus vizinhos e amigos. Naquele dia, a mãe ensinou como Cátia deveria rezar, primeiro utilizando de um pote de água e azeite para verificar sua condição espiritual, posteriormente repetindo uma prece e despejando a água ao final. Ela disse não acreditar em nenhum tipo de magia na época do seu primeiro contato com os benzimentos, mas que com o tempo, ao notar efeito nas pessoas que recebiam a benção, passou a dar crédito.

Cátia confirmou todas as informações fornecidas anteriormente pelo irmão quanto aos

⁸ Registro etnográfico da fala de Bruno no final do ano de 2024.

rituais administrados pela família, mas acrescentou uma nova perspectiva acerca do distanciamento de Bruno com os benzimentos. Para ela, algumas informações não eram passadas para os integrantes homens da família, pois o núcleo familiar compreendia a prática dos benzimentos como algo “de mulheres”. Cátia argumentou que a principal razão de Bruno não ter se envolvido e aprendido como ela sobre os benzimentos, era a imposição moral defendida por seu grupo social.

Eu também vejo um peso cultural enorme nessa situação, pois todo homem que fosse ligado nessas coisas, hoje já não, as nossas gerações estão mudando, mas havia muito disso. Um homem que fosse ligado à natureza ou aos animais, vá lá, era considerado um homem sensível. E isso não era possível, pois um homem não era para ser assim, ser sensível. Aí via até chamar os homens de gays e outras coisas assim.⁹

Apesar da diferente relação com a prática apresentada por eles, Cátia e Bruno concordaram quanto à opinião de que as mulheres são naturalmente mais espirituais quando comparadas aos homens. Tanto Cátia como Bruno descrevem o papel das benzedeadas como opostos à de uma bruxa. É importante pontuar que em algumas famílias, principalmente entre os idosos, o termo bruxa é utilizado para identificar uma pessoa exclusivamente de maneira pejorativa, ao que a benzedeadada estaria condicionada a um trabalho “anti-bruxaria”.¹⁰ Portanto, também recai em muitos casos, o imaginário que conecta o ato de benzer com preconceitos ligados ao paganismo e ao curandeirismo.

Conforme as narrativas compartilhadas pelos irmãos, quando pequenos, a saúde em Portugal era um grande problema social, sendo comum que as pessoas optassem por medicinas alternativas em situações de doença. “Se uma pessoa feria o pé, ela não procurava o médico, ela ia no endireita. Se chamava dessa forma, endireita ou também as curandeiras. Eles tratavam muito com chás, ervas [...]” explicou Cátia. Para ela, as mulheres em Portugal sempre sofreram com fragilidades mentais, oriundas de excesso de trabalho, mas também por serem privadas de políticas públicas focadas em suas realidades. Conta que eram as benzedeadas que realizavam procedimentos ginecológicos, como os abortos, e que de alguma forma, via as mulheres cuidarem mais da saúde do que os homens: “Existia na minha região, em Setúbal, uma velhota onde vivíamos, eu via minha avó lá algumas vezes, eu vi minha mãe lá ir, mas nunca vi meu pai [...]”, concluiu, reflexiva.

⁹ Registro etnográfico da fala de Cátia no ano de 2025.

¹⁰ FAVRET-SAADA, Jeanne. Being affected. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 2, n. 1, p. 435-445, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14318/hau2.1.019>.

Não sei nem se é bem dito ou mau dito, mas foi assim que aprendi

Era um dos mais quentes dias do ano de 2023, o vento seco gerava mal-estar generalizado entre as pessoas que estavam nas áreas livres de Lisboa. A cidade, perfumada pela fumaça de sardinhas assadas, estava repleta de turistas que entre pinãs-coladas servidas dentro de abacaxis na beira do rio Tejo e o som de gaivotas aproveitavam a brisa da costa portuguesa.

Depois de pegar um barco até a região sul do país, no município do Barreiro, encontrei Isabel em uma praça, bastante arborizada, em frente a sua residência. Na circunstância, sua nora, a brasileira Lara, que nos acompanhou, interessada com a pesquisa, e auxiliou na elaboração de perguntas.

Isabel estava com cerca de 75 anos neste nosso primeiro encontro. A amorosa senhora se acomodou em um banco de pedra com alguma dificuldade, pois na ocasião estava se recuperando de uma fratura óssea. Assim que sentou, antes que iniciasse as primeiras perguntas, Isabel olhou em seu entorno e lembrou de que naquele local onde estávamos, muitas mulheres moradoras das casas que contornavam a praça diariamente se reuniam para conversar, e que era comum que elas aproveitassem estes momentos para a troca de receitas e de benzimentos.

Isabel afirmou não acreditar em milagres, para ela, o próprio benzer era difícil de compreensão, alegando não saber se o bem fornecido pela prática era oriundo do Deus católico ou de outra força, a qual ela não sabia o nome. Isabel expressava o que outros colaboradores também justificavam ser o combustível de seus rituais religiosos: a efetividade. Frases como “mal não faz” ou “mais vale fazer do que não fazer” também eram bastante usadas.

Ela não se denominava atea, mas deixou claro que seu reconhecimento como católica ocorria por questões familiares e por ser batizada. Mais tarde, Lara comentou que a sogra apresentava certa dificuldade de expor suas convicções religiosas e as praticar, pois a família toda era extremamente voltada para a racionalidade e que todos apontavam para os benzimentos como “bobagem”.

Os benzimentos haviam sido passados para Isabel através da convivência com a sogra, já falecida. As rezas que aprendeu foram gravadas depois de muitas repetições, que Isabel dizia ser um “zumzum” produzido pela sogra para remover os males espirituais das pessoas próximas. E assim, com o tempo, Isabel foi decorando as palavras e gestos usados. Informou que a sogra era analfabeta e que quando via os benzimentos ocorrerem na sala de casa, não pensava sobre a natureza da prática mágica, “não sei nem se é bem dito ou mau dito, mas foi assim que aprendi”, disse para explicar. Afirmou que a sogra nunca havia parado efetivamente para lhe ensinar os benzimentos, mas que como eram práticas cotidianas acabavam por ser facilmente



absorvidas pelas mulheres da região.

O primeiro benzimento que Isabel aprendeu foi um ritual para livrar a pessoa aflita do mau-olhado, que também atribuiu o nome de quebranto. Para esta prática, Isabel fazia uso de um prato com água e azeite, mas acrescentou não saber a existência de uma força espiritual, ou se o efeito seria fruto da “cabeça” das pessoas. “O benzer não custa nada. Não acredito, nem desacredito”, completou.

Revelou que nas aldeias portuguesas alguns benzimentos eram confundidos com as “mesinhas”, que consistem em receitas a fim de aliviar desconfortos físicos. Isabel dividiu histórias diversas de sua família, das dificuldades do trabalho no campo e da realidade da vida das mulheres. Quase ao final da entrevista, Isabel lembrou de um costume que a sogra lhe revelou, o qual lhe causou impacto. Conforme seu relato, a prática era bastante comum nas aldeias da região do Alentejo, local de origem da sogra. “Minha sogra pegava barriga muitas vezes, os seios doíam com o leite em pedra. As mulheres então apanhavam as próprias porcarias e botavam sob os peitos, amarravam com um pano e assim continuavam a trabalhar no campo”, falou com os olhos tristes e envergonhados. Perguntada se a porcaria mencionada referia-se a fezes humanas, ela acenou positivamente com a cabeça.

Enquanto segurava uma bengala, usada para apoio de seu caminhar, Isabel falou: “antigamente a saúde das mulheres era sempre muito deixada de lado”. Na sua opinião, a saúde e os cuidados básicos não eram acessíveis às mulheres, mesmo daquelas que viviam nas regiões metropolitanas. Citou como exemplo os abortos, ilegais na época, que muitas de suas amigas moradoras na região de Lisboa recorriam, assim como as frequentes receitas, também chamadas de mesinhas, proveniente de medicina alternativa utilizadas por muitas das mães diante de aflições nos bebês. “Lembro que elas iam, lá atrás de uma fábrica. O médico punha um líquido lá para dentro, para desfazer o feto. Eu não tinha coragem... eu não tinha”, finalizou quase sem voz. Aquele relato causou um silêncio entre nós, um silêncio atemporal, mas que de alguma forma comunicou o que nenhuma palavra ou gesto poderiam expressar.

A saúde das mulheres na memória dos benzimentos

Conforme os dados obtidos em trabalhos etnográficos em Portugal e em áreas variadas, é clara a relação entre as agentes de benzimentos e a predominância do gênero feminino. Algumas evidências históricas indicam que as práticas de cura tenham assim se estabelecido pelo processo das navegações e colonização, pela dominância do sistema patriarcal nos avanços biomédicos e pelas dinâmicas religiosas não letradas¹¹.

¹¹ WALKER, Timothy. *Doctors, folk medicine and the Inquisition: the repression of magical healing in Portugal during the Enlightenment*. Leiden: Brill, 2005.



Também é preciso compreender o lugar de cuidadora que uma benzedeira ocupa e como a sociedade portuguesa administra o trabalho do cuidado na organização social. Isso porque, em Portugal, a maioria das pessoas que ocupam esse espaço/ofício – enfermeiras, cuidadora de idosos, professoras de infantários – são mulheres.

É notório que entre os discursos dos praticantes de benzimentos apareçam constantemente situações que relatam dramas ligados à saúde da mulher, de bebês ou crianças. O antropólogo João de Pina Cabral¹² em uma etnografia no Alto Moinho, publicou em 1989 um trabalho onde afirma que a assistência médica nos partos era exclusiva para as poucas famílias ricas, nos demais casos, a população precisava encontrar caminhos alternativos para os cuidados clínicos.

Como Manderson¹³ destaca, há uma interconexão temática entre saúde, qualidade de vida das mulheres e os índices de bem-estar familiar, demonstrando como todo detalhe da composição social interfere na saúde individual e coletiva. No exemplo levantado pelo autor, referente a um estudo do Banco Mundial (World Bank) de 1993, os dados epidemiológicos revelam que nos locais com maior prevalência de valorização da mulher e igualdade de oportunidades, observa-se um impacto positivo no bem-estar familiar e nos indicadores de saúde dos seus membros.

Ainda na reflexão contextual e estrutural das condições que fizeram com que os benzimentos fossem guardados e administrados quase exclusivamente por mulheres, é sabido, por exemplo, que de acordo com as Listas de Autos da fé preservadas na Torre do Tombo, entre os acusados por práticas de feitiçaria e curandeirismo, a maioria eram mulheres¹⁴. O impacto da privação da saúde e de direitos é um dos motivadores mais citados entre as benzedeadas portuguesas estudadas na tentativa de explicar porquê os benzimentos eram mantidos através da memória das mulheres. Conforme Joana Martins enquadra através do viés histórico:

Quanto ao direito sobre o próprio corpo, tem sido uma luta árdua até aos dias de hoje. A contraceção era proibida em Portugal, algo que já tinha sido legislado em 1929 e reforçado em 1942. Apesar de a pílula contraceptiva ter sido aprovada em 1960 nos Estados Unidos da América, em Portugal começou a ser timidamente distribuída em 1962 como um método para regular o ciclo menstrual, mas não como um método contraceptivo. Em 1968, a Igreja aceitou os métodos contraceptivos naturais, mas não os métodos químicos ou de barreira, como a pílula contraceptiva ou o preservativo masculino.¹⁵

¹² CABRAL, João de Pina. *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Etnográfica Press, 1989. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.1709>.

¹³ MANDERSON, Lenore Hilda. The social context of wellbeing. In: MANDERSON, L. H. (Ed.). *Rethinking Wellbeing*. [S.l.]: Network Books, 2005. p. 1-26.

¹⁴ TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

¹⁵ MARTINS, Joana R. Rosa. *"Connecting with the great mother, regenerating us"*: Environmental



O ofício das benzedeadas, que mescla diferentes categorias e compreensões sobre si mesmo, não consiste em apenas tratar um sintoma físico, mas concomitante a isso, explora junto dos consulentes suas sensações, emoções, a identificação da aflição e formas de enfrentamento¹⁶. Portanto, é de concordância entre os autores utilizados para elaboração teórica aqui desenvolvida, que as benzedeadas atuam, independentemente do contexto, como meio de orientação individual e moderadoras de tensões sociais.

Os benzimentos como um lugar entre o passado e o futuro

Os benzimentos, como um ritual de experiência transreligiosa, desvendam diferentes panoramas de seus praticantes, como por exemplo o “ser mulher”, “ter saúde” ou “fazer magia”. Tais características possibilitam questionamentos e análises transdisciplinares, que transmitem memórias passadas, sensações, mas também garantem um olhar sobre o futuro da sociedade que experiencia a religiosidade na prática.

Todas as práticas populares de cura apresentam-se como uma forma de aproximar as crenças da vida cotidiana. Sendo assim, os modelos contemporâneos, suas questões, necessidades sociais, surgem não apenas como um pano de fundo ao benzimento, mas integrando-se a ele. Tal como as mulheres que se identificam como pertencentes a comunidade LGBTQIA+, as quais demonstram satisfação e conforto ao expressarem sua fé através de rituais de benzimentos.

Dramas reais, atuais, são elaborados entre os praticantes de maneira colaborativa, onde a sociabilidade tem papel de destaque. Quando Bruno e Cátia compartilham suas diferentes experiências com a prática, revelam a distância social imposta a cada um enquanto crianças, ao mesmo tempo em que demonstram as mesmas crenças no tocante ao benzer. Apesar de Bruno não relatar um preconceito relativo a homens praticantes de benzimentos, para Cátia é inevitável que o comportamento social tenha impactado a forma como o irmão estabeleceu sua aproximação com a prática.

Já Isabel prefere não estabelecer nenhuma crença relacionada aos benzimentos, algumas vezes até questionando o ato. Apesar de não mencionar nada sobre preconceitos,

activism, gender relations and power dynamics in contemporary paganism in Portugal. 2023. 288 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2023. p. 32. Texto original: *As for the right over their bodies, it has been an arduous struggle until today. Contraception was forbidden in Portugal, what had already been legislated in 1929 and reinforced in 1942. Despite the contraceptive pill being approved in 1960 in the United States of America, in Portugal, it started to be shyly distributed in 1962 as a method for regulating the menstrual cycle, but not as a contraceptive method. In 1968, the Church accepted natural contraceptive methods, but not chemical or barrier methods such as contraceptive pills or male condoms.*

¹⁶ KOSS-CHIOINO, Joan D. Spirit healing, mental health, and emotion regulation. *Zygon*, v. 40, n. 2, p. 409-422, 2005.

Isabel assume a diferença dos acessos aos cuidados de saúde relativos às mulheres que vivenciou.

Ambos os recortes etnográficos demonstram que mais importante do que as crenças que envolvem os praticantes e as práticas, é o benzimento por si só. Afirmação essa comprovada nos discursos onde a efetividade das práticas é o condicionante principal da continuidade do uso. Isso demonstra que neste ambiente seguro, sem hierarquias ou institucionalidades, proporcionado pelos benzimentos, os agentes de ação compartilham e manejam suas dificuldades¹⁷.

No tocante a performance ritual produzida por um benzimento, tal como Taylor¹⁸ indica, a composição de gestos, componentes simbólicos e preces orquestradamente formuladas são acima de tudo atos de transferência vital, que têm como uma de suas qualificadoras a transmissão de conhecimento, memória e sentido de identidade social. Sendo assim, e diante de sua natureza oral, tais práticas são passadas para novas gerações através das experiências, onde a cada nova narrativa atribui-se contextos e realidades.

Considerações finais

Quando pesquisas encaram as dinâmicas versáteis de qualquer prática religiosa popular, é compreensível o encontro da ausência de padrões ou de modelos “verdadeiros”, corretos. Este artigo procurou afastar-se de confrontos entre as realidades encontradas, mas compreende também que paralelos são cabíveis quando os cenários e as singularidades são respeitadas.

Através do estudo sobre benzimentos em Portugal, tal como no Brasil, é notória sua intrínseca ligação com temas ligados à saúde das mulheres, como também a transmissão geracional dos conhecimentos. Conforme as narrativas de Bruno, Cátia e Isabel, da mesma forma reconhecendo o panorama multifacetado e transreligioso existente em tais práticas populares de cura, os benzimentos revelam-se como um espaço de acolhimento, resistência e cuidado.

De acordo com a pesquisa que suporta o presente artigo, os benzimentos exploram além da dimensão curativa ou religiosa, emergindo reflexões humanas e representando um elo com o passado, presente e futuro. Ao que se refere a saúde das mulheres, historicamente negligenciada, os benzimentos são administrados como um modelo terapêutico para conflitos diversos. A questão que dá início ao conjunto exploratório teórico, “por que os benzimentos são

¹⁷ MIRANDA, Maria C. Dias de; CAPACLA, Marta V. Tu tem olhado, quebranto? A Medicina Popular no contexto urbano. *TRAVESSIA – Revista Do Migrante*, v. 7, n. 20, p. 22-24, 1994. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i20.423>.

¹⁸ TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.



considerados como coisas de mulher?”, não traz nenhuma resposta simples, única ou concreta, mas transparece o quanto as práticas são compostas por manejos de dramas latentes entre os seus praticantes.

Todo benzimento desenvolve-se através das vulnerabilidades comuns a todos os seres humanos, fornecendo amparo e acesso ao bem-estar com equidade. Como uma prática transreligiosa, por vezes caracterizada como “terapia alternativa”, suas dinâmicas fundem fronteiras entre o profano e o sagrado, rural e urbano, físico e espiritual. Os itinerários dos conhecimentos gerados pelos praticantes de benzimento apresentam-se como um local de encontro atemporal, onde novos questionamentos são apresentados e revelam sua importância social.

Compreendidos como patrimônio cultural imaterial, os benzimentos não refletem uma religiosidade parada no tempo, mas capaz de uma maleabilidade que reflete as necessidades de cada sociedade e contexto. Trabalhos que comparam e analisam a trajetória do conhecimento acerca dos benzimentos entre Portugal e Brasil são interessantes caminhos para o estudo das ciências sociais, assim como de outras áreas do saber. Este estudo, apesar de inicial, oferece uma contribuição valiosa para a análise dos benzimentos tanto de Portugal, como de outros territórios, e tem como pretensão inspirar novas pesquisas e reflexões que amplifiquem a intersecção entre a saúde e a religiosidade vernacular.

Referências

ANDRADE, Adriane de. Benzedeiras, Saberes Ancestrais de Cura e a Disputa no Campo do Saber: Um Olhar Decolonial. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 14, n. 1, p. 77-97, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.14.i1.0005>.

CABRAL, João de Pina. *Filhos de Adão, filhas de Eva: A visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa: Etnográfica Press, 1989. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.etnograficapress.1709>.

COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedeiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 7-12, p. 51-62, jul./ dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i7-12.13217>.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Being affected. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 2, n. 1, p. 435-445, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14318/hau2.1.019>.

KOSS-CHIOINO, Joan D. Spirit healing, mental health, and emotion regulation. *Zygon*, v. 40, n. 2, p. 409-422, 2005.

MANDERSON, Lenore Hilda. The social context of wellbeing. In: MANDERSON, L. H. (Ed.). *Rethinking Wellbeing*. [S.l.]: Network Books, 2005. p. 1-26.



MARTINS, Joana R. Rosa. *"Connecting with the great mother, regenerating us": Environmental activism, gender relations and power dynamics in contemporary paganism in Portugal*. 2023. 288 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2023.

MIRANDA, Maria C. Dias de; CAPACLA, Marta V. Tu tem olhado, quebranto? A Medicina Popular no contexto urbano. *TRAVESSIA – Revista Do Migrante*, v. 7, n. 20, p. 22-24, 1994. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i20.423>.

PANAGIOTOPOULOS, Anastasios; ROUSSOU, Eugenia. We have always been transreligious: An introduction to transreligiosity. *Social Compass*, v. 69, n. 4, p. 614-630, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/00377686221103713>.

RESPELL: Religion, Spirituality, Well-being. *Ethnography of Feeling – Portugal Benzimentos (Blessings)*. YouTube, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/xSoLkq4qep8>. Acesso em: 06 fev. 2026.

RODRIGUES, Donizete. Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. *Revista Ubimuseum*, n. 1, p. 45-52, 2012.

SARAIVA, Clara. A Sacred Place, an Enchanted Space: Crisis and Spiritual Elasticity in the Mountain of the Moon. *Religions*, v. 14, n. 9, p. 2-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/rel14091153>.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

WALKER, Timothy. *Doctors, folk medicine and the Inquisition: the repression of magical healing in Portugal during the Enlightenment*. Leiden: Brill, 2005.

Recebido em: 20 fev. 2025.

Aceito em: 13 dez. 2025.